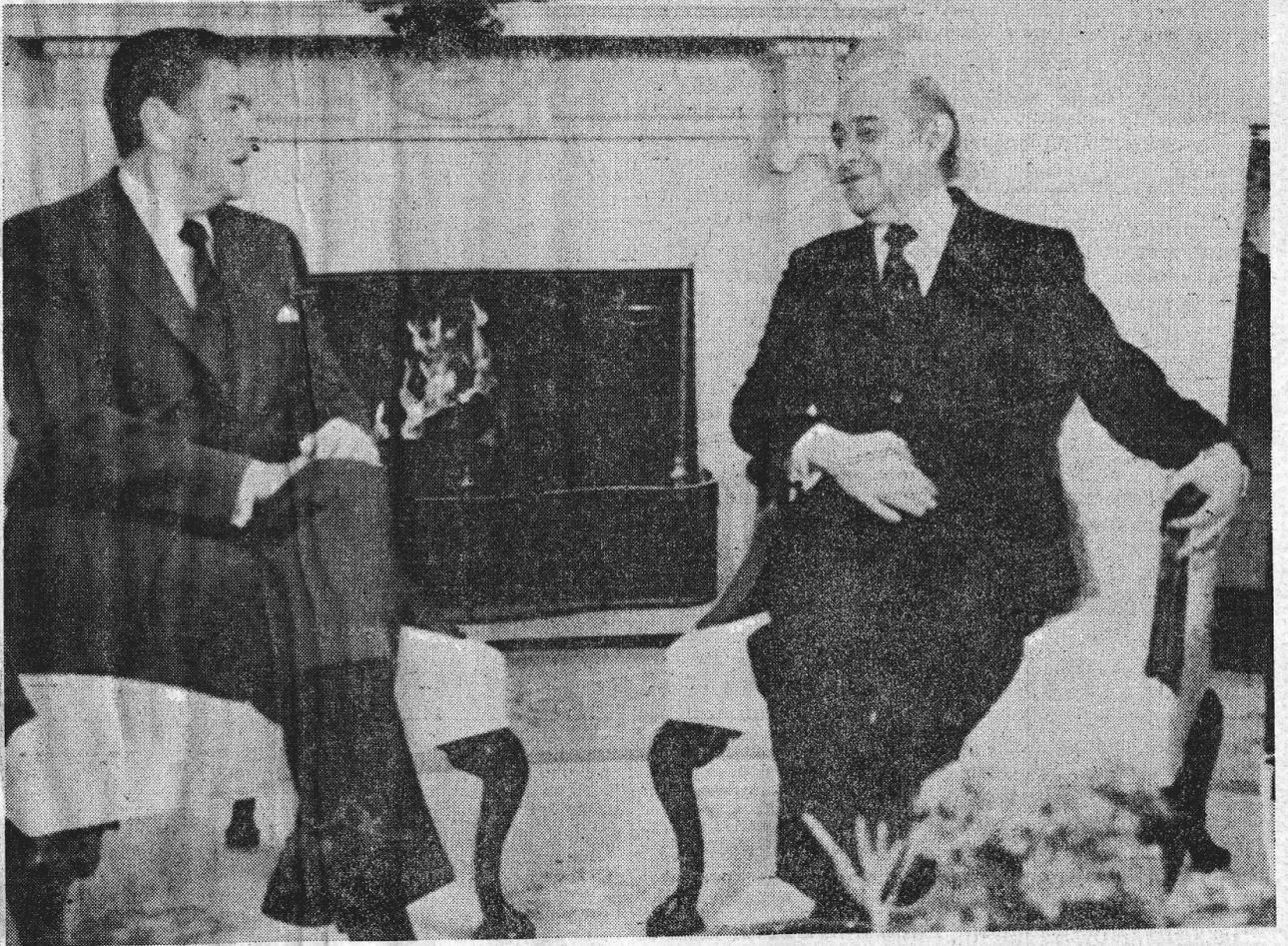


A DOR QUE LEVOU À MORTE

Primeiro apareceram as dores, sinal de que algo não estava bem. O então candidato à Presidência da República preferiu ignorá-las. As dores aumentaram, a ponto de ele se queixar, no início apenas para os íntimos. Depois, durante um almoço, há cinco meses, ele teve de ser socorrido às pressas no ambulatório da Câmara dos Deputados, em Brasília. Com a cumplicidade dos médicos e de alguns parlamentares, Tancredo Neves preferiu silenciar sobre sua doença. Vontade de ser presidente, medo de crise nas instituições, ele agüentou até

a semana da posse, quando as dores atingiram um grau insuportável e, já tomando antibióticos há vários dias, ele cedeu. Começou aí uma série de erros, controvérsias, boatos, informações e desmentidos que culminaram com sua morte. Um desfecho que, ironicamente, talvez pudesse ter sido evitado pelo próprio Tancredo — ou por seus médicos, se eles tivessem pressionado a família do paciente para que ele fosse prudente e pensasse em si próprio, e não apenas na política, no País, nas instituições.



Com Reagan, dia 2 de janeiro: a mão protegendo o abdômen



19/7/84 - Com Figueiredo em Minas, a mão no abdômen



Mesmo na alegria, com Figueiredo, a mão no abdômen



6/2/85, Buenos Aires, com Alfonsín, a mão no abdômen

O presidente eleito Tancredo Neves sabia desde outubro que tinha algum problema gástrico e há cinco meses teve de interromper um almoço e ser levado, às pressas, para o ambulatório da Câmara dos Deputados, em Brasília. O médico Renault Mattos Ribeiro, do ambulatório da Câmara, foi comunicado e depois de examinar Tancredo concluiu que ele tinha realmente um quadro de perturbação gástrica e recomendou-lhe repouso. Mas ele foi tomado pelo desgaste da campanha, pela emoção da vitória e o stress da viagem — uma verdadeira maratona — que a sucedeu. Dias antes da posse, já estava tomando antibióticos para curar uma infecção que foi anunciada à imprensa, inicialmente, apenas como uma faringite. Tanto Tancredo quanto seu médico, Renault Mattos Ribeiro, estavam mentindo para a opinião pública.

Há dias, semanas talvez, Tancredo vinha queixando-se, com familiares e políticos amigos, de umas "dorzinhas" na re-

gião abdominal. Quando ria, por exemplo, ou quando fazia algum esforço, levava intuitivamente a mão à região da dor, comprimindo-a. A expressão de desconforto e dor ficou registrada em várias fotografias. Seu humor, lembram algumas das pessoas que estiveram com ele e só agora se dão conta disso, se alterava, então, embora, delicado, ele sempre evitasse ser descortês com os interlocutores.

As revelações de que Tancredo Neves interrompeu um almoço em Brasília no mês de outubro para ser socorrido no ambulatório da Câmara e de que dias antes da posse, no mês passado, já tomava antibióticos foram feitas no aeroporto de Congonhas. A primeira, pelo ex-líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Freitas Nobre; a segunda, pelo senador Fernando Henrique Cardoso, líder do governo no Congresso Nacional.

Segundo Freitas Nobre, o mal súbito sofrido por Tancredo em outubro deixou-o preocupado em função de seu desgaste físico na campanha à Presidência

da República. Por isso ele próprio pediu autorização de Tancredo para conversar a respeito disso com o médico-chefe do ambulatório da Câmara dos Deputados, Renault Mattos Ribeiro, e foi então colocado a par de tudo.

"O doutor Renault informou então que Tancredo Neves apresentava um quadro de perturbação gástrica e recomendou-lhe repouso, o que foi cumprido pelo presidente", afirmou Freitas Nobre. Fernando Henrique Cardoso, por sua vez, contou ter sido o confidente de Tancredo na revelação de que ele estava tomando antibióticos há vários dias antes da primeira operação, no Hospital de Base de Brasília.

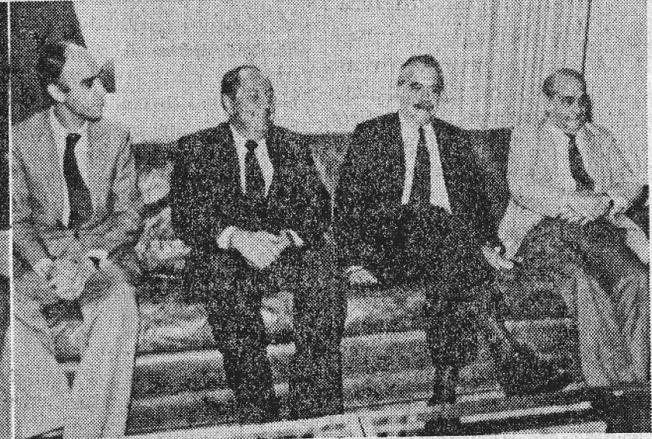
"O presidente", lembra Fernando Henrique Cardoso, "disse que estava tentando curar uma infecção, mas ninguém, nem ele próprio, sabia o que tinha. O que sabemos é que ele postergou a primeira operação para garantir a normalidade institucional do País, com sua posse na Presidência da República".

Ou seja: assim como Petrônio Portella, que ocultou seu infarto e por causa disso morreu, Tancredo Neves também não quis que ninguém soubesse de suas perturbações gástricas e as ocultou, com a cumplicidade do médico Renault Mattos Ribeiro, que confirmou: também ele estava envolvido na campanha e, pelo menos no início, concordou com a decisão de Tancredo de não tratar de sua saúde antes da posse.

De acordo com uma alta fonte da Presidência da República, este foi o primeiro de uma série de erros dos médicos que tinham conhecimento da doença de Tancredo; não pressionaram sua família para que ele se operasse e, quando decidida a operação — segundo erro — fizeram-na de forma inadequada, como já se tornou público: numa situação de emergência, num hospital sem recursos e com a presença, na sala de operações, de uma vasta população de curiosos, entre os quais um ministro e um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores.



No rosto e nas mãos, a imagem dos últimos dias



Com Maciel, Aureliano e Sarney — as mãos no abdômen



Reunião do PMDB — a mão no abdômen